

Memórias de mulheres: perfis biográficos de femininos múltiplos¹

Diélen dos Reis Borges ALMEIDA²

Ana Cristina Menegotto SPANNENBERG³

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

Resumo

Este trabalho relata o processo de produção do livro-reportagem *Memórias de Mulheres: perfis biográficos de femininos múltiplos*. Parte-se do seguinte problema: como o protagonismo feminino se constrói ao longo da história? Adota-se o gênero (no sentido de propriedades atribuídas social e culturalmente em relação ao sexo dos indivíduos) como categoria de análise e revisa-se a literatura sobre feminismo e história das mulheres. A metodologia contempla técnicas da história oral para apuração e do jornalismo literário para a redação. São entrevistadas quatro mulheres com diferentes características e trajetórias. A narrativa dos quatro perfis é perpassada por uma quinta narrativa autorreflexiva, a da autora. Conclui-se que o protagonismo das mulheres se constrói por meio de um feminino múltiplo.

Palavras-chave: mulheres; gênero⁴; memórias; jornalismo literário; perfis.

1 Introdução

A ideia sobre o que é ser mulher modificou-se ao longo do tempo e do espaço, embora tenha pairado sobre as diferentes sociedades um discurso universal eurocêntrico que tipificou um padrão feminino. Mas como o protagonismo feminino se constrói? Em palavras mais analíticas, a questão que norteia esta pesquisa é: de que modo a mulher escreve sua própria história, em um contexto rançoso de valores machistas e patriarcais?

Este estudo foi feito no Mestrado Profissional Interdisciplinar em Tecnologias, Comunicação e Educação, em que há a possibilidade de o mestrando desenvolver uma dissertação ou um produto. Optamos pelo segundo e definimos que nosso objetivo geral seria produzir um livro-reportagem com perfis biográficos de mulheres e nossos objetivos específicos seriam: contar histórias de mulheres diversas; investigar a ocorrência de conflitos decorrentes da postura ativa da mulher numa sociedade em que predomina a hierarquização de gênero⁴; utilizar a história oral e o jornalismo literário como metodologias e técnicas para dar maior visibilidade às fontes que pertencem às chamadas minorias sociais, neste caso, mulheres; produzir uma obra jornalística em que se permita a subjetividade e o detalhamento,

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e mestra em Tecnologias, Comunicação e Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), email: dielenrb@yahoo.com.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social: Jornalismo da UFU, email: anaspann@gmail.com

⁴ Neste trabalho utilizamos a palavra gênero no sentido de propriedades atribuídas social e culturalmente em relação ao sexo dos indivíduos, e não como tipo de texto.

uma alternativa ao jornalismo convencional, que prioriza a objetividade e a instantaneidade; levar o leitor a uma reflexão sobre a questão de gênero; registrar a história das mulheres em um passado recente e no presente, evidenciando o seu protagonismo.

Justificamos a relevância social deste trabalho por dar visibilidade a memórias de mulheres, excluídas do protagonismo social e da narrativa histórica. Ao cumprir a função primordial do jornalismo, informar, o livro-reportagem *Memórias de Mulheres* almeja levar ao leitor o conhecimento de perfis tão variados de mulheres e, conseqüentemente, possibilitar uma reflexão sobre questões das mulheres na sociedade.

Cientificamente, o trabalho se justifica por contribuir com a linha de pesquisa “Tecnologias e Interfaces da Comunicação”, pois utiliza uma tecnologia da comunicação, o livro-reportagem, para fazer comunicação como processo problematizado e se configura como um exemplar de produção de jornalismo especializado. Ao enveredar-se pelo campo da pesquisa sobre o feminino, este trabalho aciona a chamada tecnologia de gênero.

Do ponto de vista mercadológico, reconhecemos que o cenário não é o mais otimista. A última pesquisa Retratos da Leitura no Brasil revelou que a média de livros lidos pelo brasileiro em um ano diminuiu: passou de 4,7 livros em 2007 para 4 em 2011. Contudo, consideramos que isso não deve inibir a produção editorial, e sim, motivar uma educação que incremente as experiências de leitura e desperte o interesse das pessoas pelos livros. Nossa contribuição é colocar mais uma obra no acervo à disposição dos potenciais leitores, na esperança de que a combinação entre o prazer da linguagem literária e o apelo jornalístico da realidade seja atraente para o público. Afinal, quem escreve deseja ser lido.

2 A história das mulheres

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. A famosa frase de Simone de Beauvoir abre o primeiro capítulo do clássico *O Segundo Sexo*, no qual a filósofa existencialista discorre sobre a construção de uma representação da mulher como ser inferior ao homem.

Tudo contribui para confirmar essa hierarquia aos olhos da menina. Sua cultura histórica, literária, as canções, as lendas com que a embalam são uma exaltação do homem. São os homens que fizeram a Grécia, o Império Romano, a França e todas as nações, que descobriram a terra e inventaram os instrumentos que permitem explorá-la, que a governaram, que a povoaram de estátuas, de quadros e de livros. (BEAUVOIR, 1949, p.30).

A autora que inspira gerações de feministas defende que submissão e fragilidade não são atributos natos às mulheres, mas sim, moldados pela sociedade, a começar pela família. Beauvoir (1949, p. 493), mais de 60 anos atrás, falava de uma mulher “esquartejada entre o passado e o futuro”, afinal, acumulava séculos de submissão e avistava um futuro incerto.

Os papéis representativos das mulheres na sociedade são classificados por Gilles Lipovetsky como primeira, segunda e terceira mulher. A primeira é a depreciada, “mal necessário confinado nas atividades sem brilho, ser inferior sistematicamente desvalorizado ou desprezado pelos homens” (LIPOVETSKY, 2000, p. 234), a quem se destinam apenas as funções de segunda linha. A segunda mulher, a enaltecida, surge na segunda Idade Média. É uma figura idealizada pelo homem como “belo sexo”, mais próximo da divindade, de méritos e virtudes incensados, “fada do lar” que educa os filhos e inspira o marido. Entretanto, a mulher posta no pedestal permaneceu à sombra do homem não aboliu a hierarquia social dos sexos. “As decisões importantes continuam a ser assunto dos homens, a mulher não desempenha nenhum papel na vida política, deve obediência ao marido, nega-se a ela a independência econômica e intelectual” (LIPOVETSKY, 2000, p. 235-236).

Na modernidade das democracias ocidentais, emerge a terceira mulher, ou a indeterminada, no contexto de “desvitalização do ideal da mulher no lar, legitimidade dos estudos e do trabalho femininos, direito de voto, ‘descasamento’, liberdade sexual, controle da procriação: manifestações do acesso das mulheres à inteira disposição de si em todas as esferas da existência” (LIPOVETSKY, 2000, p. 236-237). O modelo da terceira mulher representou uma ruptura histórica, mas não eliminou as desigualdades. A diferença mais significativa é a inédita possibilidade de as mulheres protagonizarem a narrativa da própria história: “ei-las, da mesma maneira que os homens, entregues ao imperativo moderno de definir e inventar inteiramente sua própria vida” (LIPOVETSKY, 2000, p. 237).

Essa classificação em três modelos sistematiza a história da representação feminina e contribui para a compreensão das relações de gênero⁴. Entretanto, é preciso ponderar que a emergência de um modelo não elimina o outro. Variando-se o contexto em tempo, espaço e classes sociais, é possível encontrar a primeira ou a segunda mulher coexistindo com a terceira. Além disso, três é um número muito pequeno para um feminino múltiplo.

Outra referência na temática do feminino é a historiadora francesa Michelle Perrot. Ao relatar sua experiência na pesquisa que deu origem ao livro *Histórias das Mulheres no Ocidente*, ela indica o que há de especial no estudo sobre as mulheres:

Escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos. Escrever tal história significa levá-la a sério [...]. também significa criticar a própria estrutura de um relato apresentado como universal, nas próprias palavras que o constituem, não somente para explicitar os vazios e os elos ausentes, mas para sugerir uma outra leitura possível. (PERROT, 1995, p. 9).

Contar a história das mulheres é um desafio. O relato histórico tradicional prioriza os feitos dos heróis, quase sempre homens. As mulheres tiveram acesso tardio à escrita e deixaram poucos registros. As palavras também não favorecem: gramaticalmente, “*eles* dissimula *elas*” (PERROT, 2007, p. 21). Perdia-se o sobrenome a partir do matrimônio, o que dificulta reconstituir linhagens femininas. Falava-se muito sobre as mulheres – na literatura e outras artes –, mas quem falava eram os homens. Muitos vestígios delas, como diários e cartas, eram destruídos. O discurso religioso de Paulo e o filosófico de Aristóteles reforçaram a ideia de superioridade masculina e condenação da mulher ao silêncio (PERROT, 2007). As mulheres não representavam a si, mas eram representadas.

“O sexo é ‘a pequena diferença’ anatômica que inscreve os recém-nascidos num ou noutro sexo, que faz com que sejam classificados como homem ou mulher” (PERROT, 2007, p. 62). A partir daí, segundo Perrot, a representação do sexo feminino foi sendo construída (em geral, pelo olhar masculino) a partir de alguns referenciais: carência, defeito ou fraqueza da natureza; homem mal-acabado, ser incompleto, forma malcozida (Aristóteles); sente “inveja do pênis” (Freud); na geração, não é mais que um receptáculo.

Desde o nascimento, a menina é menos desejada, a ponto de haver um verdadeiro infanticídio de meninas na Índia e na China, países com graves problemas de densidade demográfica. O Ocidente, se não mata as recém-nascidas, as comemora de forma distinta. O filho varão é uma conquista maior. Na adolescência, a vigilância é maior sobre as meninas, sob o temor da *violação*. “Preservar, proteger a virgindade da jovem solteira é uma obsessão familiar e social” (PERROT, 2007, p.45). O tratamento dispensado a meninos e meninas é diferente: “a puberdade é, para o menino, uma fase de intensificação da libido, enquanto para a menina encerra crescentes repressões” (SAFFIOTI, 2013, p. 407).

O ápice do “estado de mulher” é o casamento, condição normal da maioria das mulheres, com enorme apoio da Igreja que o institui como sacramento. Conforme Perrot, o bom exemplar de mulher casada se caracterizava como dona-de-casa, dependente jurídica, sexual e economicamente, que pode receber “corretivos”, mas que dispõe de influência na economia familiar, maternidade e harmonia do lar. Por séculos, o casamento foi “arranjado” pelas famílias, sob critérios socioeconômicos, mas a modernidade trouxe outros parâmetros: “o casamento por amor anuncia a modernidade do casal, que triunfa no século XX. Os termos da troca se tornam mais complexos: a beleza, a atração física entram em cena. [...] Os encantos femininos se constituem um capital” (PERROT, 2007, p.47).

O sexo das mulheres é um mistério, sobre o qual pouco se fala. As que não freiam a sexualidade são consideradas perigosas. A maternidade, porém, é o grande caso das mulheres, fonte de identidade, fundamento da diferença reconhecida, mesmo não vivida. Celebra-se o Dia das Mães, venera-se a Virgem Maria, mãe de Deus, e pune-se o aborto. “A

sociedade ocidental promove a assunção da maternidade. [...] Um dos traços mais marcantes da época contemporânea reside na politização da maternidade” (PERROT, 2007, p. 69). Tal é a relevância da maternidade como definidora do que é ser mulher que Perrot (2007) considera a livre contracepção como o acontecimento que mais abalou a relação entre os sexos, começando a dissolver a hierarquia entre eles.

É um equívoco, porém, considerar que todas as mulheres estiveram excluídas do mundo do trabalho, conforme nos indica Saffioti:

A mulher das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foi alheia ao trabalho. Em todas as épocas e lugares tem ela contribuído para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social. Nas economias pré-capitalistas [...] a mulher das camadas trabalhadoras era ativa: trabalhava nos campos e nas manufaturas, nas minas e nas lojas; nos mercados e nas oficinas, tecia e fiava, fermentava a cerveja e realizava outras tarefas domésticas. (SAFFIOTI, 2013, p. 62).

O dever de ser mãe repercutiu no trabalho. Saffioti (2013) aborda as justificativas que vêm sendo dadas para as mulheres ocuparem posições desvantajosas: a redução da capacidade de trabalho nos últimos meses da gestação e no pós-parto, a necessidade de aleitamento, o absenteísmo por motivo de doença, mas não apenas quando a própria mulher está doente, mas também para cuidar do marido e dos filhos quando eles estão doentes. A autora propõe que a maternidade deixe de ser tratada como carga exclusivamente feminina.

A menopausa sinaliza que a vida das mulheres dura pouco. É o fim da feminilidade, maternidade, sexualidade e sedução. A velhice, hoje, é feminina. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009) revelou que as mulheres representam 55,8% da população brasileira com 60 anos ou mais.

Com as religiões, as relações são ambivalentes e paradoxais: as religiões são poder sobre as mulheres e poder das mulheres. Segundo Perrot (2007, p. 84), “as mulheres fizeram a base de um contra-poder e de uma sociabilidade. A piedade, a devoção, era, para elas, um dever, mas também compensação e prazer. [...] A Igreja oferecia um abrigo às misérias das mulheres, pregando, entretanto, sua submissão”. O poder religioso está com os homens: “a sacralização do poder dos clérigos, na Idade Média, não é favorável. A Idade Média é ‘ máscula’ ” (PERROT, 2007, p.151). O Deus dos judeus, dos cristãos, dos islâmicos é um pai.

O significado do que é ser mulher mudou ao longo do tempo, como também mudou a sociedade. Entre as diferenças mais significativas de avós para netas está o nível de escolaridade: após séculos de conhecimento científico construído e partilhado apenas entre homens, os anos mais recentes trouxeram uma escola mista, legalmente obrigatória para meninos e meninas, atingindo uma surpreendente maioria feminina na contemporaneidade. Em 1907, dos 346 estudantes que concluíram o Ensino Superior no Brasil, apenas cinco eram

mulheres. Trinta anos depois, o Ministério da Educação e Saúde registrou 3.038 diplomas na divisão do Ensino Superior: 2.859 de homens, 179 de mulheres. “O saber é contrário à feminilidade. Como é sagrado, o saber é o apanágio de Deus e do Homem, seu representante sobre a terra. É por isso que Eva cometeu o pecado supremo. Ela, mulher, queria saber; sucumbiu à tentação do diabo e foi punida por isso” (PERROT, 2007, p.91). Em 1950, 4.619 homens e 1.013 mulheres tiveram seus diplomas registrados na Diretoria do Ensino Superior, além de 4.979 homens e 1.214 mulheres com registro na Diretoria do Ensino Comercial.

Esses índices se aproximam bastante no ano de 1980, quando 670.266 homens e 646.738 mulheres possuíam o diploma de Terceiro Grau (como era chamado o Ensino Superior na época) no Brasil. Desses, 19.480 homens e 16.323 mulheres tinham mestrado ou doutorado. O tempo de estudo da população de 10 anos ou mais de idade, em 1999, indicou vantagem para as mulheres: a média delas era de 5,9 anos de estudo contra 5,6 anos para os homens (IBGE, 2013a). A vantagem permaneceu em 2009: média de 7,4 anos de estudo para elas; 7 anos de estudo para eles (IBGE, 2013b). O Censo de 2010 revelou que o percentual de homens na faixa etária de 25 anos com nível superior completo de graduação era de 9,9%, enquanto o de mulheres na mesma idade era de 12,5% (IBGE, 2012). As mulheres se fizeram estudantes e a docência configurou-se como profissão predominantemente feminina, na contramão de um processo histórico que negava a elas qualquer tipo de profissionalismo.

A história das mulheres mudou. [...] Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança. Partiu de uma história das mulheres para tornar-se mais especificamente uma história do gênero, que insiste nas relações entre os sexos e integra a masculinidade. (PERROT, 2007, p. 15-16).

A autora associa as principais transformações históricas femininas, no contexto da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos dos anos 1960 e da França da década de 1970, a fatores científicos (renovação das questões ligadas à crise dos sistemas de pensamento, como marxismo e estruturalismo, à modificação das alianças disciplinares e à proeminência da subjetividade, além da redescoberta da família), sociológicos (presença das mulheres na universidade) e políticos (movimento de liberação das mulheres).

2.1 Gênero como categoria de análise

Narrar histórias de mulheres é enveredar-se pela pesquisa de gênero⁴, que está mais para um lugar de intenso debate – político, inclusive – do que de certezas, como atesta Joan Scott:

É esta luta política que eu penso que deve comandar nossa atenção, porque gênero é a lente de percepção através do qual nós ensinamos os significados de macho/fêmea, masculino/feminino. Uma “análise de gênero” constitui nosso compromisso crítico com estes significados e nossa tentativa de revelar suas contradições e instabilidades como se manifestam nas vidas daqueles que estudamos. (SCOTT, 2012, p. 332).

A autora argumenta que, embora gênero, como categoria de análise, esteja diretamente ligado à esfera social, o objeto de análise desse campo de pesquisa, que são as relações históricas entre os sexos, está conectado à esfera psicossocial. Assim, gênero seria “sempre uma tentativa de amenizar as ansiedades coletivas sobre os significados da diferença sexual” (SCOTT, 2012, p. 346). Em nosso trabalho com feminino múltiplo, mais importante que definições precisas sobre gênero é a concepção de uma experiência plural:

Quando gênero se coloca como um conjunto de questões sobre o que ainda não sabemos e quando mulheres são entendidas em si mesmo como uma construção (não os papéis das mulheres, mas ‘mulheres’), então gênero torna-se uma maneira de interrogar as complexas fontes que fazem das mulheres uma “coletividade flutuante” digna de atenção política e acadêmica. (SCOTT, 2012, p. 337)

Scott, nesse texto recente, nos alerta que gênero é uma questão eternamente aberta e que, se a considerarmos resolvida, é porque estamos no caminho errado. Todavia, temos algumas propostas de direcionamento. Judith Butler desarticula o binômio sexo/gênero e indica que o gênero tem um significado flutuante:

Originalmente concebida para contestar a formulação biologia-é-o-destino, a distinção entre sexo e gênero serve ao argumento de que tanto faz o que a insociabilidade biológica do sexo pareça ter, o gênero é construído culturalmente: daí, o gênero não é nem o resultado causal do sexo nem aparentemente fixado como sexo. A unidade do sujeito é, portanto, já potencialmente contestada pela definição de gênero como uma interpretação múltipla do sexo. (BUTLER, 1990, s.p., tradução nossa).

A proposta de Teresa de Lauretis (1994) é pensar gênero a partir de uma visão foucaultiana, que entende a sexualidade como uma “tecnologia sexual”. Assim, o gênero, como representação e autorrepresentação, “é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana” (LAURETIS, 1994, p. 208). Gênero não existe a priori nem é propriedade de corpos, mas sim, engloba os efeitos de uma complexa tecnologia política em corpos, comportamentos e relações sociais.

Lauretis (1994) apresenta quatro proposições acerca de gênero: é uma representação; a sua representação é sua construção; a sua construção se efetua na família, na mídia, nas escolas, nos tribunais, entre os artistas e intelectuais e até feministas; a sua

construção também se faz por meio da sua desconstrução em discursos que enxerguem o gênero apenas como representação ideológica falsa.

3 O livro-reportagem *Memórias de mulheres*

Perfis biográficos de femininos múltiplos: assim subtitulamos o livro-reportagem *Memórias de Mulheres*, sinalizando na capa do que é feito o produto que desenvolvemos. São 115 páginas que contam as histórias de quatro mulheres, perpassadas pela autonarrativa da autora. O texto verbal é integrado ao não verbal por meio de 25 fotografias, sendo três de arquivo pessoal e as demais produzidas especialmente para o livro-reportagem. Durante a apuração, utilizamos alguns preceitos da história oral para a coleta de dados: no caso, o relato das memórias das entrevistadas. A redação dos perfis segue as características do jornalismo literário. Esses métodos e técnicas são descritos na sequência deste relatório.

3.1 Jornalismo literário e livro-reportagem

O jornalismo literário, também chamado de literatura de não ficção e de jornalismo narrativo, é uma especialista ou estilo jornalístico que utiliza as técnicas da literatura para relatar a realidade. Conforme Felipe Pena, jornalismo literário:

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente emburhar o peixe na feira. (PENA, 2006, p. 13).

Nos Estados Unidos, esse tipo de jornalismo emergiu nos anos 1960, com o nome de *New Journalism*. Um expoente desse contexto é Tom Wolfe, que explica como se aproveitou das técnicas da literatura para fisgar a atenção do leitor:

O que me interessava não era simplesmente a descoberta da possibilidade de escrever não-ficção apurada com técnicas em geral associadas ao romance e ao conto. Era isso – e mais. Era a descoberta de que é possível na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário [...] para excitar tanto intelectual como emocionalmente o leitor. (WOLFE, 2005, p.28).

Além de Wolfe, outros autores cujas obras são classificadas como jornalismo literário são Truman Capote, Gay Talese, Norman Mailer, Joseph Mitchel, John Hersey, Euclides da Cunha, Eliane Brum e Roberto Freire. A maior parte publicou suas produções

no formato de livro-reportagem, gênero que rompe os limites do jornalismo diário e mergulha profundamente em fatos, personagens e situações, por vezes, com abordagens criativas e originais (BELO, 2006). Conforme Lima (1995), “o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos”.

O livro-reportagem é, ao mesmo tempo, uma reportagem grande e uma grande reportagem. Como reportagem grande, precisa físgar o leitor nas primeiras linhas e fidelizá-lo até a página final, tarefa árdua para jornalistas padronizados, mas que os escritores de literatura tiram de letra. Como grande reportagem, precisa ser profunda como almeja o jornalismo literário. Nosso livro-reportagem é composto por quatro reportagens, escritas na forma do gênero jornalístico-literário perfil, sobre o qual falaremos a seguir.

3.2 Perfis biográficos

Nenhuma história prescinde de personagens e há sempre um momento na narrativa em que se interrompe a ação para que se faça a descrição deles, como afirmam Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986). E há um tipo de texto jornalístico em que o foco é o personagem, do anônimo à celebridade: o perfil.

O perfil caracteriza-se pela linguagem narrativa, em que se conta uma história sob a ótica de um personagem humanizado em um determinado contexto. É uma narração biográfica sem ser uma biografia. O produto que propomos é o que Edvaldo Pereira Lima (1995, p. 45) classifica como livro-reportagem-perfil, “obra que procura evidenciar o lado humano de uma personagem pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse”. O autor comenta que, no segundo caso, as características e circunstâncias de vida fazem com que a pessoa represente um determinado grupo social e personifique a realidade desse grupo. É o que ocorre em *Memórias de Mulheres*.

No perfil humanizado escrito para livro-reportagem, a entrevista tem a possibilidade de alcançar dimensão superior ao que é praticado nos veículos periódicos, especialmente limitados. Ainda que exista a pauta, é possível abandoná-la em algum momento em prol da empatia com o entrevistado e da emoção. Contar histórias de vida em um livro-reportagem é tarefa que pode ser feita na forma de diálogo entre entrevistador e entrevistado, ou de depoimento direto, ou de uma mescla em que se combinam primeira e terceira pessoas, como fizemos. As entrevistas biográficas resgatam a oralidade e contribuem para reproduzir idiosincrasias de algumas culturas e relações sociais (LIMA, 1995).

Vilas Boas (2003, p. 28) aponta a escassez do gênero: “Os raros perfis que tenho visto em publicações nacionais representam uma quase-negação dos valores humanistas que

pautavam as reportagens de quarenta anos atrás. O que aparece nas revistas de hoje são sutilezas do encontro, a pessoa por trás do mito ou a capacidade de observação do autor.”

O perfil é classificado por Marques de Melo como um gênero interpretativo, pois a apresentação descritiva do personagem possibilita a interpretação de seu comportamento diante da sociedade (COSTA; LUCHT, 2010). Em *Memórias de Mulheres*, os perfis são do tipo “personagem-indivíduo”, em que “o retrato é mais psicológico do que referencial – o interesse recai sobre a atitude do entrevistado diante da vida, seu comportamento, a peculiaridade de seu modo de atuação” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 134). Nesse caso, o narrador confere um caráter de imprevisibilidade à narrativa.

Entendemos que um bom perfil requer uma apuração aprofundada. Por isso, tomamos emprestado dos historiadores uma proposta metodológica coerente com nossos objetivos: a história oral, sobre a qual discorreremos na sequência deste texto.

3.3 História oral

A história oral “é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo” (THOMPSON, 1992, p. 44). Essa metodologia é adequada aos nossos objetivos, uma vez que propicia o trabalho com a memória e foco no sujeito, fundamentais para a construção dos perfis de femininos.

Com o uso da entrevista, é possível agora desenvolver uma história muito mais completa da família através dos últimos noventa anos, e estabelecer seus padrões e mudanças principais no correr do tempo, de lugar para lugar, durante o ciclo de vida e entre os sexos. [...] E, dada a predominância da família na vida de muitas mulheres, pelo trabalho em casa, pelo serviço doméstico e pela maternidade, verifica-se um alargamento quase equivalente do campo de ação da história da mulher. (THOMPSON, 1992, p. 28).

Segundo Pollak (1989, p. 2), a história oral evidencia uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada, que se distingue de uma memória coletiva organizada imposta por uma sociedade majoritária ou pelo Estado: “essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados”. Karam propõe uma abordagem jornalística da memória coletiva, na busca pelo presente:

Segundo Halbwachs, o passado é aquele lugar onde o pensamento dos grupos atuais já não mais se estende. É o lugar onde é preciso ir buscar

informações. Ora, isto vale também para o presente, à medida em que o limite dos testemunhos diretos e cotidianos, por um indivíduo, é bastante nítido. Isso envolve as histórias que nos contam no trabalho, em casa, nas ruas. Não testemunhamos tudo, mas o conjunto de testemunhos forma também a memória coletiva. A multiplicidade de memórias coletivas e testemunhos dão uma certa duração coletiva aos eventos sociais, compartilhados mesmo por quem não os vivenciou imediatamente. (KARAM, 199-, p. 7).

Sabemos que, para os historiadores, a história oral requer uma série de procedimentos que devem ser rigorosamente seguidos para que se reconstitua o passado por meio da oralidade. Para nós jornalistas, contudo, a história oral convém como metodologia que permite contar uma história do tempo presente, combinada com critérios editoriais. Thompson (1992, p. 104) cita os jornalistas, os sociólogos e os antropólogos como estudiosos que adotam a história oral e afirma: “todos eles podem estar escrevendo história; e, sem dúvida, estão provendo à história”. A história das mulheres também é lembrada pelo autor como assunto pouco explorado pela história documental e caracterizada como tema a ser desvelado pela história oral:

Também neste caso é enorme o potencial da evidência oral, e suas possibilidades mal começam a ser exploradas. Até bem pouco tempo, a história das mulheres foi ignorada pelos historiadores, em parte porque a vida delas, ligada ao lar ou ao trabalho desorganizado ou temporário, muito frequentemente transcorreu sem ser documentada. [...] Mas como demonstram certos ensaios como *Our Work, Our Lives, Our Words*, ou textos de Anna Bravo sobre a solidariedade e a solidão entre mulheres camponesas, essa nova história também põe em xeque pressupostos básicos sobre estrutura social e desigualdade, a “natureza” de homens e mulheres, as raízes do poder entre eles, e a modelação da consciência tanto pelo lar como pelo trabalho. Certamente, muito mais está por vir. (THOMPSON, 1992, p. 134).

Fizemos, também, a opção editorial de trabalhar com a história oral narrada por cada mulher perfilada, sem depoimentos complementares de outras fontes que pudessem narrar e descrever a protagonista de cada história. Segundo Maurice Halbwachs (1990, p. 27), “para confirmar ou recordar uma lembrança, as testemunhas, no sentido comum do termo, isto é, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível, não são necessárias”. Apenas no primeiro perfil, a filha de Zélia nos auxiliou a entender a linha cronológica de alguns acontecimentos, pois a mãe tem lapsos como sequelas do acidente vascular cerebral; um comentário que essa filha fez durante a entrevista foi registrado na narrativa.

3.4 Relato do desenvolvimento do trabalho

Estávamos em busca de mulheres que subvertiam a hierarquia de gênero, a ordem machista e patriarcal, muitas vezes misógina, que estabelece às mulheres padrões de comportamento discutidos anteriormente neste texto: delicadeza, beleza, casamento, maternidade, submissão e outros. A informação que buscávamos estaria com elas, as nossas fontes, escolhidas com base em critérios editoriais que talvez destoem do engessamento científico, mas que são cotidianos para os jornalistas: a observação atenta das pessoas, de forma rotineira, em qualquer saída pela cidade; o questionamento à rede de contatos: “você conhece alguém que...?”; a pesquisa na internet com foco em um tema e outros. Foi desse modo que chegamos a quatro mulheres que se relacionavam ao nosso tema:

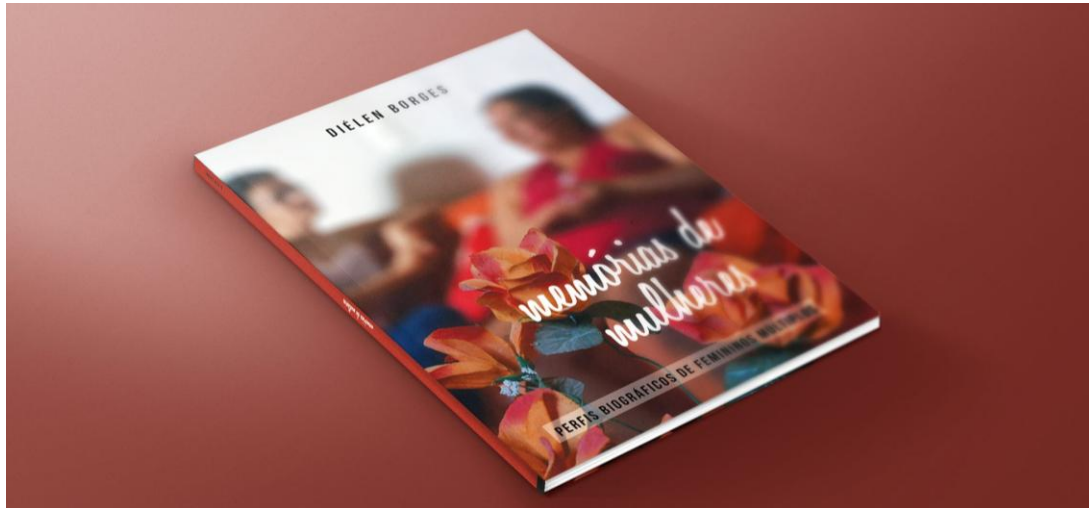
- a) Zélia, de 54 anos, vítima de diferentes formas de violência, que sustentou a si e as filhas por meio de trabalhos braçais, predominantemente o de borracheira;
- b) Bruna, de 20 anos, estudante e militante feminista da Marcha das Vadias;
- c) Beatriz, de 62 anos, professora com receio de aposentar-se, que optou por não casar nem ter filhos e mantém um namoro há 32 anos;
- d) Carol, de 31 anos, adotada quando menina, sacerdotisa que cultua a Deusa e o sagrado feminino.

Definidas as fontes, procedemos à apuração. Foram três encontros com Zélia; quatro com Bruna; dois com Beatriz e três com Carol. Fizemos cada perfil de uma vez, seguindo a sequência: contato e convite, elaboração do primeiro roteiro de entrevista, primeiro encontro com a fonte, transcrição da primeira entrevista, análise das informações apuradas, elaboração do segundo roteiro de entrevista, transcrição da segunda entrevista, análise das informações apuradas, novos encontros (conforme a necessidade) e redação do perfil. Nessas fases, utilizamos métodos e técnicas da história oral e do jornalismo literário, conforme apresentado anteriormente. O registro fotográfico foi feito pela estudante de jornalismo Letícia França.

Com as histórias apuradas e os textos em processo de construção, paralelamente aos estudos teóricos que vínhamos fazendo, percebemos que as histórias das mulheres extrapolavam a ideia de subversão. Eram mais do que isso. Na verdade, estávamos diante de memórias de mulheres muito diversas que constituíam femininos múltiplos. É certo que há pontos de convergência entre elas, mas que não configuram nem um padrão a ser seguido nem a ser subvertido. Elas são várias. A partir desse momento, começamos a enxergar o fio condutor entre as histórias, a multiplicidade do feminino, com uma inclusão mais profunda da narradora nos perfis relatados, construindo uma autonarrativa entrelaçada às outras quatro narrativas.

Com os textos redigidos e revisados, selecionamos as fotografias e encaminhamos o material para a construção do projeto gráfico e a diagramação, que ficaram a cargo da jornalista contratada Elisa Chueiri. A Imagem 1 apresenta a capa do livro:

Imagem 1 – Capa do livro-reportagem *Memórias de Mulheres*



Fonte: A autora

O livro totalizou 115 páginas, distribuídas em cinco capítulos: *Nós*, em que a autora introduz seu perfil, a ser desenvolvido no decorrer da obra; quatro capítulos com o nome de cada mulher perfilada – *Zélia*, *Bruna*, *Beatriz* e *Carol* – e *Memórias*, de conclusão.

Considerações finais

As páginas derradeiras deste trabalho trazem memórias, reflexões e preocupações. Fosse este um estudo das ciências exatas, teríamos meia dúzia de linhas apresentando a conclusão da pesquisa. Objetiva, certa e sintética. Mas o assunto aqui é gênero, memória, histórias de mulheres... É fluido demais. O que foi que apuramos? Voltemos ao nosso problema inicial: como o protagonismo feminino se constrói ao longo da história? De que modo a mulher escreve sua própria história?

O mesmo discurso hegemônico eurocêntrico que colocou no proscênio da história da humanidade o homem branco ocidental forjou um conceito de feminino subalterno ao masculino e fabricou uma hierarquia de gênero útil à configuração social e política tecida ao longo dos séculos. As mulheres, contudo e obviamente, também têm uma história. Ainda que o machismo, o patriarcado e a misoginia tenham perpassado as mais diferentes épocas e

geografias, as protagonistas das memórias de mulheres são elas próprias, que construíram seu feminino, cada qual, à sua maneira e conforme seus contextos de existência.

Fizemos um recorte espaço-temporal que contemplou quatro (ou cinco, com a narradora) mulheres de Uberlândia que, em 2014, narraram suas memórias – lembranças que iam de vinte a sessenta anos. Múltiplas que são, apresentaram traços convergentes e divergentes. Em comum, notamos, por exemplo, a necessidade de, em algum(ns) momento(s) de suas vidas, romper com determinada ordem: Zélia deixou a família e o marido para escapar da violência e da humilhação; Bruna afastou-se do pai para libertar-se de uma ideologia machista e também violenta que chocava com a dela; Beatriz terminou um noivado, recusou o casamento e priorizou uma vida em busca do conhecimento; Carol deixou o esposo em prol do sacerdócio. São memórias de mulheres imersas numa contemporaneidade que ainda lida de modo problemático com o gênero, essa fosca categoria de análise. Memórias de um “ser mulher” complexo, disperso, difuso. Múltiplo.

A partir desse estudo, percebemos que uma definição sobre o “ser mulher” seria uma falácia, uma generalização estabelecida a partir de uma visão binária sobre feminino e masculino que, na verdade, refutamos. Afinal, o feminino é múltiplo e o gênero é plural. Já não falamos que “a mulher isso ou aquilo”, mas sim, falamos de mulheres, com a flexão de número, a fim de contemplar a complexidade.

Por ser um trabalho desenvolvido no âmbito de um mestrado profissional, pudemos escolher entre a dissertação tradicional ou a elaboração de um produto – e decidimos pela segunda opção como forma popularizar o conhecimento acadêmico, fazendo-o chegar ao público. A dissertação iria para a gaveta e, ainda que publicada, provavelmente seria acessada apenas por outros pesquisadores e pesquisadoras – afinal, o tema precisa desdobrar-se. O livro, esperamos que chegue aos mais múltiplos leitores e leitoras, para que seu sentido, enfim, se complete. Um estudo dessa natureza envolve sua pesquisadora, sua orientadora e seus colaboradores num sentido muito além do trabalho a ser desempenhado. É uma experiência inevitável de resgate de memórias, de análise sobre a sociedade à qual pertencemos e de reflexão sobre si.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: A experiência Viva**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990. Disponível em: <<https://goo.gl/bI92Hs>>. Acesso em 23 dez. 2014.

COSTA, Lailton Alves da; LUCHT, Janine Marques Passini. Gênero interpretativo. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do

Campo: Umesp, 2010. p. 109-123. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/53176828/Generos-Jornalisticos>>. Acesso em 29 mai. 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Leon Shaffter. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010: mulheres são mais instruídas que homens e ampliam nível de ocupação**. 19 dez. 2012. Disponível em <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2296&t=censo-2010-mulheres-sao-mais-instruidas-que-homens-ampliam-nivel-ocupacao>>. Acesso em 20 jul. 2013.

_____. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009. **Cresce a proporção de idosos na população**. Disponível em <<http://teen.ibge.gov.br/mao-na-roda/idosos>>. Acesso em 14 mai. 2014.

_____. **Estatísticas do Século XX**. Disponível em <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais>>. Acesso em 20 jul. 2013a.

_____. Séries Históricas e Estatísticas. Disponível em <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/>>. Acesso em 20 jul. 2013b.

KARAN, Francisco José Castilhos. **A Memória Coletiva de Halbwachs: uma abordagem Jornalística**. Texto apresentado originalmente no seminário sobre a Semiótica do Tempo e da Mídia, na PUC de São Paulo. 199-.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**; tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PERROT, Michelle. *Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência*. In.: **Cadernos Pagu**, n. 4, 1995. p. 9-28. Disponível em <<http://goo.gl/X8zudp>>. Acesso em 21 jul. 2013.

_____. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classe: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 528 p.

SCOTT, Joan W. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986. 141 p. Disponível em <<https://goo.gl/SvxQm9>>. Acesso em 25 mai. 2014.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003. 162 p.

WOLFE, Tom. **Radical chique o Novo Jornalismo**. São Paulo: Jornalismo Literário: Companhia das Letras, 2005.